

176. *O Sumo-Sacerdote Coreso! Imola-se Para Salvar Calirroé?*

É para mim impossível, meu amigo, falar-vos deste quadro; vós sabeis que ele não estava no Salão, quando a sensação geral que provocou para lá me chamou. Cabe a vós dar conta dele; conversaremos a este respeito quando estivermos juntos; isto será tanto melhor quanto descobriremos talvez por que, após um primeiro tributo de elogios pago ao artista, após as primeiras exclamações, o público pareceu esfriar. Toda composição cujo êxito não se sustenta carece de mérito verdadeiro. Mas, para preencher este artigo sobre Fragonard, vou inteirar-vos de uma visão assaz estranha que me atormentou a noite seguinte ao dia em que eu havia passado a manhã vendo quadros e a noite lendo alguns *Diálogos* de Platão.

* O escrito sobre Fragonard, de n. 176, consta do *Salão* de 1765, na série de nove – 1759, 1761, 1763, 1765, 1767, 1769, 1771, 1775, 1781 – que Diderot redigiu, a pedido de seu amigo Grimm, para a *Correspondance Littéraire*. Este periódico manuscrito, lançado por Raynal em 1753 e ao qual Grimm deu continuidade até 1773 e, em seguida, Meister até 1793, destinava-se à leitura de reis (Catarina II e Frederico, o Grande), príncipes e nobres europeus, e o Enciclopedista participou dele com um vasto conjunto de resenhas, críticas e artigos de reflexão, sempre voltados para as artes plásticas e sua estética, que se constituiu nos *Salões*.

1. Sumo sacerdote de Dioniso em Kalidon.

2. Filha de um rei de Kalidon.

O Antro de Platão

Pareceu-me que eu estava fechado no lugar que se chama o antro desse filósofo. Era uma longa caverna³, obscura. Eu estava aí sentado em meio a uma multidão de homens, de mulheres e de crianças. Tínhamos todos os pés e as mãos encadeadas e a cabeça tão bem presa entre talas de madeira que nos era impossível movê-la. Mas o que me espantava é que as pessoas, na maior parte, bebiam, riam, cantavam, sem que parecessem estorvadas com seus grilhões e que vós tivésseis dito, ao vê-las, que este era o seu estado natural; parecia-me mesmo que eram encarados com maus olhos aqueles que envidavam algum esforço para recobrar a liberdade de seus pés, de suas mãos e de suas cabeças, que eram designados por nomes odiosos, que os outros se afastavam deles como se tivessem sido infectados de um mal contagioso, e que, quando sobrevinha algum desastre na caverna, não se deixava jamais de acusá-los por isso. Equipados como acabo de vos dizer, tínhamos todos o dorso voltado para a entrada dessa morada, e só podíamos olhar o fundo, atapetado com uma tela imensa.

Por trás de nós havia reis, ministros, padres, doutores, apóstolos, profetas, teólogos, políficos, velhacos, charlatões, artífices de ilusões e todo o bando de mercadores de esperanças e de temores. Cada um deles tinha uma provisão de pequenas figuras transparentes e coloridas próprias à sua condição, e todas essas figuras eram tão bem feitas, tão bem pintadas, em tão grande número e tão variadas, que havia com que abastecer a representação de todas as cenas cômicas, trágicas e burlescas da vida.

Esses charlatões, como eu vi em seguida, colocados entre nós e a entrada da caverna, tinham atrás de si uma grande lâmpada suspensa, à luz da qual eles expunham suas figurinhas, cujas sombras projetadas acima de nossas cabeças, e a engrandecer-se no caminho, iam deter-se sobre a tela estendida no fundo da caverna e formavam aí cenas, mas cenas tão naturais, tão verdadeiras, que nós as tomávamos por reais, e ora ríamos delas às bandeiras despregadas, ora as chorávamos com lágrimas quentes, o que vos parecerá tanto menos estranho quanto havia ali, atrás da tela, outros velhacos subalternos, à disposição dos primeiros, que emprestavam a essas sombras os acentos, os discursos, as verdadeiras vozes de seus papéis.

3. Refere-se ao mito relatado por Platão na *República*, VII, com respeito ao problema do conhecimento humano, que está sempre voltado para a ilusão fenomenal e não para a essência.

Malgrado o prestígio desse apresto, havia na turba alguns dentre nós que suspeitavam dele. Que sacudiam de tempos em tempos suas cadeias e que tinham a maior vontade de se desembaraçar de suas talas e de volver a cabeça; mas no mesmo instante ora um, ora outro dos charlatões que tínhamos às costas punha-se a gritar com uma voz forte e terrível: "Guarda-te de volver a cabeça! Maldito seja quem sacudir sua cadeia! Respeita as talas!" Eu vos direi uma outra vez o que acontecia aos que desprezavam o conselho da voz, os perigos que corriam, as perseguições que tinham de sofrer; isto ficará para quando fizermos filosofia. Hoje, quando se trata de quadros, prefiro vos descrever alguns daqueles que vi na grande tela; eu vos juro que valiam de fato tanto quanto os melhores do Salão. Sobre essa tela tudo parecia de início descosido; eles choravam, riam, jogavam, bebiam, cantavam, mordiam os punhos, arrancavam os cabelos, acariciavam-se, açoitavam-se; no momento em que um se afogava, um outro era pendurado, um terceiro elevado sobre um pedestal; mas com o tempo tudo se ligava, se esclarecia e se entendia. Eis o que vi ali se passar em diferentes intervalos que reaproximarei para abreviar.

Em primeiro lugar, foi um jovem, com suas longas vestimentas sacerdotais em desordem, a mão armada de um tirso, a fronte coroada de hera, que vertia de um grande vaso antigo golfadas de vinho em taças largas e profundas que ele levava à boca de algumas mulheres de olhos alucinados e com os cabelos desgrenhados. Ele se embriagava com elas, elas se embriagavam com ele, e quando estavam ébrios, levantavam-se e punham-se a correr pelas ruas, lançando gritos misturados de furor e júbilo. As pessoas surpreendidas por esses gritos fechavam-se em suas casas e temiam ficar em seu caminho; eles podiam fazer em pedaços o temerário que tivesse encontrado, e vi que o faziam às vezes. Pois bem!, meu amigo, o que dizeis disso?

GRIMM — Eu digo que aí estão dois quadros bastante belos, quase do mesmo gênero.

DIDEROT — E eis um terceiro de um gênero diferente. O jovem sacerdote que conduzia essas furiosas era a figura mais bela; eu notava, e me pareceu, no curso de meu sonho, que, mergulhado em uma embriaguez mais perigosa que a do vinho, ele se dirigia com o rosto, o gesto e os mais apaixonados e mais ternos discursos a uma jovem cujos joelhos ele abraçava em vão e que se recusava a ouvi-lo.

GRIMM — Este aí, por ter apenas duas figuras, não seria mais fácil de fazer.

DIDEROT — Sobretudo se se tratasse de lhes dar a expressão forte e o caráter pouco comum que elas tinham na tela da caverna.

Enquanto esse sacerdote assediava inutilmente à jovem inflexível, eis que ouço de repente, no fundo das habitações, gritos, risos, uivos, e vejo sair de lá pais, mães, mulheres, moças, crianças. Os pais se precipitavam sobre as moças, que haviam perdido todo senso do pudor, as mães sobre os filhos, que as desconheciam, as crianças de diferentes sexos, misturadas, confundidas, rolavam pelo chão; era um espetáculo de alegria extravagante, de licença desenfreada. De uma ebriedade e de um furor inconcebíveis. Ah!, se eu fosse pintor! Eu ainda tenho todos esses rostos presentes em meu espírito.

GRIMM – Conheço um pouco os nossos artistas, e eu vos juro que não há um único em condições de esboçar este quadro.

DIDEROT – Em meio a esse tumulto, alguns velhos que a epidemia poupava, com os olhos banhados de lágrimas, prostrados em um templo, golpeavam o chão com suas frentes, abraçavam da maneira mais supplicante os altares dos deuses, e eu ouço mui distintamente o deus ou talvez o biltre subalterno que estava atrás da tela dizer: “Que ela morra, ou que um outro morra por ela”.

GRIMM – Mas, meu amigo, da série com que sonhais, sabeis que um de vossos sonhos seria suficiente para uma galeria inteira?

DIDEROT – Esperai, esperai, vós não estáveis lá. Eu me sentia extremamente impaciente por conhecer qual seria a seqüência deste oráculo funesto, quando o templo se abriu de novo a meus olhos. O piso estava coberto por um tapete vermelho bordejado com uma larga franja de ouro; este rico tapete e sua franja recaíam sobre um longo degrau, que dominava toda a extensão da fachada. À direita, perto deste degrau, havia um desses grandes vasos de sacrifício destinados a receber o sangue das vítimas. De cada lado da parte do templo que eu descobria, duas grandes colunas de um mármore branco e transparente pareciam ir buscar aí a abóbada. À direita, ao pé da coluna mais avançada, fora colocada uma urna de mármore negro, coberta em parte de lençóis próprios para as cerimônias sangrentas. Do outro lado da mesma coluna, via-se um grande candelabro da mais nobre forma; ele era tão alto que pouco faltava para atingir o capitel da coluna. No intervalo, entre as duas colunas, do outro lado, havia um grande altar, ou tripé triangular sobre o qual ardia o fogo sagrado. Eu via o clarão avermelhado dos braseiros ardentes, e a fumaça dos perfumes me roubava uma parte da coluna interior. Eis o teatro de uma das mais terríveis e das mais tocantes representações que foram executadas na tela da caverna durante a minha visão.

GRIMM – Mas dizei-me, meu amigo, não confiastes vosso sonho a ninguém?

DIDEROT – Não. Por que me fazeis esta pergunta?

GRIMM – É que o templo que acabais de descrever é exatamente o lugar da cena do quadro de Fragonard.

DIDEROT – Pode ser. Eu ouvi falar tanto desse quadro nos dias anteriores, que, tendo de fazer um templo em sonho, eu teria feito o dele. Como quer que seja, enquanto os meus olhos percorriam esse templo e os aprestos que me pressagiavam não sei o que a oprimir meu coração, vi chegar sozinho um jovem acólito vestido de branco; tinha o ar triste. Veio agachar-se ao pé do candelabro e apoiar-se na saliência da base da coluna interior. Ele foi seguido por um sacerdote. Esse sacerdote tinha os braços cruzados sobre o peito; a cabeça completamente pendida, parecia absorto na dor e na reflexão mais profunda; avançava a passos lentos. Eu esperava que ele levantasse a cabeça; ele o fez voltando os olhos para o céu e emitindo uma exclamação das mais dolorosas, que eu mesmo acompanhei com um grito quando reconheci esse sacerdote. Era aquele mesmo que eu havia visto alguns instantes antes acossar com tanta insistência e tão pouco êxito a jovem inflexível; ele estava também vestido de branco; sempre belo, mas a dor causara uma impressão profunda em seu rosto. Tinha a fronte coberta de hera e segurava na mão direita a faca sagrada. Foi colocar-se de pé a alguma distância do jovem acólito que o precedera. Veio um segundo acólito, vestido de branco, que se deteve atrás dele.

Vi entrar em seguida uma jovem; ela estava igualmente vestida de branco, uma coroa de rosas cingia-lhe a cintura. A palidez da morte cobria-lhe o semblante, seus joelhos tremantes fraquejavam; mal teve força de chegar aos pés daquele por quem era adorada, pois era ela que havia tão orgulhosamente desdenhado sua temura e seus votos. Embora tudo se passasse em silêncio, não era preciso mais do que mirá-los um e outro e recordar-se das palavras do oráculo, para compreender que ela era a vítima e que ele ia ser o seu sacrificador. Quando ela chegou perto do grão-sacerdote, seu infeliz amante, ah!, cem vezes mais infeliz do que ela, a força a abandonou inteiramente e ela caiu desfalecida sobre o leito ou o lugar mesmo onde devia receber o golpe mortal. Ela tinha o rosto voltado para o céu, seus olhos estavam cerrados, seus dois braços, que a vida parecia já ter abandonado, pendiam de ambos os lados, a parte de trás de sua cabeça tocava quase as vestimentas do grão-sacerdote seu sacrificador e seu amante; o resto de seu corpo estava estendido, somente o acólito, que se detivera atrás do grão-sacerdote, o mantinha um pouco erguido.

Enquanto o desgraçado destino dos homens e a crueldade dos deuses ou de seus ministros, pois os deuses não são nada, me ocupa-

vam e enquanto eu enxugava algumas lágrimas que tinham escapado de meus olhos, havia entrado um terceiro acólito, vestido de branco como os outros e com a fronte coroadada de rosas. Como era belo esse jovem acólito! Eu não sei se era sua modéstia, sua juventude, sua doçura, sua nobreza que me interessavam, mas ele me pareceu sobrepujar o próprio grão-sacerdote. Havia se agachado a alguma distância da vítima desmaiada, e seus olhos enternecidos estavam fixados nela. Um quarto acólito, em hábito branco também, veio colocar-se junto àquele que sustentava a vítima; ele pôs um dos joelhos no chão, e depôs sobre o outro joelho uma grande bacia que ele pegou pelas bordas como para antepô-la ao sangue que ia correr. Esta bacia, a posição desse acólito e sua ação designavam em demasia a função cruel. Entremetidos, tinham acorrido ao templo muitas outras pessoas. Os homens, nascidos com passivos, procuram nos espetáculos cruéis o exercício dessa qualidade.

Eu distinguia junto ao fundo, perto da coluna interior do lado esquerdo, dois sacerdotes idosos, de pé, e notáveis pela vestimenta irregular com que a cabeça de cada um deles estava envolvida, a severidade de seus traços e a gravidade de seu porte.

Havia, quase fora, próximo da coluna interior do lado esquerdo, uma mulher sozinha; um pouco mais longe e mais para fora, uma outra mulher, o dorso apoiado em um marco, com uma criança nua sobre os joelhos. A beleza dessa criança, e talvez ainda o efeito singular da luz que as iluminava, sua mãe e ela, os fixaram em minha memória. Para além dessas mulheres, mas no interior do templo, dois outros espectadores. Em frente desses espectadores, precisamente entre as duas colunas, defronte do altar e de seu braseiro aceso, um velho cujos traços e cabelos grisalhos me impressionaram. Desconfio realmente que o espaço mais recuado estava repleto de gente, porém do lugar que eu ocupava em meu sonho e na caverna, não podia ver nada mais.

GRIMM — É que não havia nada mais a ver, porque estão aí todas as personagens do quadro de Fragonard, e porque elas se achavam colocadas em vosso sonho exatamente como na tela.

DIDEROT — Se é isto, que belo quadro fez Fragonard! Mas ouvi o resto. O céu brilhava com a mais pura claridade; o sol parecia precipitar toda a massa de sua luz dentro do templo e comprazer-se em reunir a sobre a vítima, quando as abóbadas se obscureceram com espessas trevas que, estendendo-se sobre nossas cabeças e misturando-se ao ar, produziram um súbito horror. Através dessas trevas eu vi planar um gênio infernal, eu o vi: dois olhos alucinados lhe saltavam da cabeça; segurava um punhal numa das mãos, na outra agitava uma tocha ace-

sa; ele gritava. Era o Desespero, e o Amor, o temível Amor era carregado sobre seu dorso. Logo em seguida o grão-sacerdote tira a faca sagrada, levanta o braço; julgo que ele vai golpear com ela a vítima, que ele vai enfiá-la no seio daquela que o desdenhou e que o Céu lhe entregou; de modo algum, ele golpeia-se a si mesmo. Um grito geral corta e dilacera o ar. Eu vejo a morte e seus sintomas errarem sobre suas faces, sobre a fronte do temo e generoso infortunado; seus joelhos desfalecem, sua cabeça cai para trás, um de seus braços fica pendente, a mão com que ele pegou o punhal ainda o segura cravado em seu coração. Todos os olhares se prendem ou temem prender-se nele; tudo marca a pena e o pavor. O acólito, que está ao pé do candelabro, tem a boca entreaberta e o olhar apavorado; aquele que sustenta a vítima volta a cabeça e olha assustado; aquele que segura a bacia funesta reergue seus olhos amedrontados; o semblante e os braços tensos daquele que me pareceu tão belo mostram toda a sua dor e todo o seu horror; esses dois sacerdotes idosos, cujos olhares cruéis deviam repastar-se tão amide com o vapor do sangue com que tinham regado os altares, não puderam recusar-se à dor, à comiseração, ao horror; eles lastimam o desventurado, sofrem, estão apavorados; esta mulher sozinha, apoiada em uma das colunas, tomada de horror e terror, voltou-se subitamente; e esta outra, que tinha o dorso contra um marco, virou-se para trás, uma de suas mãos se colocou sobre os olhos, e seu outro braço pareceu repelir de si esse espetáculo espantoso; a surpresa e o susto estão pintados nos semblantes dos espectadores afastados dela; mas nada iguala a consternação e a dor do velho de cabelos grisalhos, seus cabelos se eriçaram sobre a testa, eu creio vê-lo ainda, a luz do braseiro ardente a iluminá-lo, e seus braços estendidos por cima do altar: vejo seus olhos, vejo sua boca, vejo-o atirar-se, ouço seus gritos, eles me acordam, a tela se recolhe e a caverna desaparece.

GRIMM — Eis o quadro de Fragonard, ei-lo com todo o seu efeito.

DIDEROT — Deveras?

GRIMM — É o mesmo templo, a mesma ordenação, as mesmas personagens, a mesma ação, os mesmos caracteres, o mesmo interesse geral, as mesmas qualidades, os mesmos defeitos. Na caverna, vistas apenas os simulacros dos seres, e Fragonard em sua tela vos teria mostrado não mais que os simulacros deles. É um belo sonho que vós elaborastes, é um belo sonho que ele pintou. Quando se perde de vista o quadro por um momento, teme-se sempre que sua tela se recolha como a vossa, e que esses fantasmas interessantes e sublimes tenham se esvaecido como os da noite. Se tivésseis visto seu quadro, seríeis tomado pela mesma magia de luz e pela maneira com que as trevas se

fundiam com ela, pelo lúgubre que tal mistura trazia a todos os pontos de sua composição; teríeis experimentado a mesma comisseração, o mesmo pavor; teríeis visto a massa dessa luz, forte de início, degradar-se com uma velocidade e uma arte surpreendentes; teríeis observado seus ecos brincando soberbamente entre as figuras. Esse velho, cujos gritos penetrantes vos acordaram, estava ali no mesmo lugar e tal qual vós o vistes, e as duas mulheres e a criança pequena, todas vestidas, iluminadas, amedrontadas como vós o dissesstes. São os mesmos sacerdotes idosos, com sua roupagem, de cabeça larga, grande e pitoresca, os mesmos acólitos com seus hábitos brancos e sacerdotais, espalhados precisamente sobre sua tela como sobre a vossa. Aquele que achastes tão belo era belo no quadro como em vosso sonho, recebendo a luz pelas costas, tendo por conseguinte todas as suas partes anteriores no meio-tom ou na sombra, efeito de pintura mais fácil de sonhar do que de produzir, e que não lhe havia tirado nem sua nobreza nem sua expressão.

DIDEROT – O que me dizeis me levaria quase a crer que eu, que não creio nisso durante o dia, estou em comércio com ele durante a noite. Mas o efeito espantoso de meu sonho, aquele em que o sacrificador se crava o punhal no peito, é pois aquele que Fragonard escolheu?

GRIMM – Seguramente. Nós observamos somente no quadro que as vestimentas do grão-sacerdote lembravam um pouco demais as de uma mulher.

DIDEROT – Esperai um momento; mas é como em meu sonho.

GRIMM – Que esses jovens acólitos, por mais nobres, por mais encantadores que fossem, eram de um sexo indeciso, espécie de hermafroditas.

DIDEROT – É ainda como em meu sonho.

GRIMM – Que a vítima bem deitada, bem tombada, está talvez um pouco demasiado estreitamente apertada na parte de baixo por suas vestes.

DIDEROT – Eu também o observei em meu sonho; mas eu lhe atribuí o mérito de ser decente, mesmo nesse momento.

GRIMM – Que sua cabeça carente de cor, pouco expressiva, sem tintas, sem passagens, era antes a de uma mulher que cochila do que de uma mulher que desmaia.

DIDEROT – Eu o sonhei com estes defeitos.

GRIMM – Quanto à mulher que segurava a criança sobre os seus joelhos, achamo-la soberbamente pintada e ajustada, e o raio de luz que a iluminava fugidio a ponto de causar ilusão; o reflexo da luz

sobre a coluna anterior, de extrema verdade; o candelabro, da mais bela forma e imitando bem o ouro. Houve mister de figuras tão vigorosamente coloridas quanto as de Fragonard para sustentar-se acima desse tapete vermelho guarnecido de uma franja de ouro. As cabeças dos velhos nos pareceram feitas com humor e marcando bem a surpresa e o pavor; os gênios bem furiosos, bem aéreos, e o vapor negro que eles traziam consigo, esparso e juntando um terrível espanto à cena; as massas de sombra ressaltando da maneira mais forte e mais viva o esplendor ofuscante dos claros. E depois, de um interesse único. Para qualquer lado a que se levasse os olhos, encontrava-se o terror, estava em todas as personagens: ele se elevava do grão-sacerdote, ele se espalhava, ele crescia com os dois gênios, pelo vapor obscuro que os acompanhava, pelo sombrio clarão dos braseiros. Era impossível recusar a alma a uma impressão tão repetida. Era como nos motins populares, onde a paixão do grande número nos captura antes mesmo que o motivo seja conhecido. Mas, além do receio de que ao primeiro sinal da cruz todos esses belos simulacros desaparecessem, há juizes de um gosto severo que julgaram sentir em toda a composição não sei o quê de teatral que lhes desagradou. O que quer que eles digam a respeito, acreditai que vós elaborastes um belo sonho e Fragonard um belo quadro. Ele tem toda a magia, toda a inteligência e toda a máqui-na pinturesca. A parte ideal é sublime nesse artista a quem falta apenas uma cor mais verdadeira e um perfeição técnica que o tempo e a experiência podem lhe dar.